

**Porto Alegre, 29/12/2008, Rádio Gaúcha, Programa Gaúcha Atualidade, 08h10-08h29**

Deisy Ventura - Entrevista concedida por telefone a André Machado e Rosane de Oliveira

André Machado - Não há assunto que tenha sido mais comentado neste fim de semana, não somente no Brasil mas no mundo inteiro, do que o conflito entre israelenses e palestinos. O Conselho de Segurança da ONU fez uma reunião de emergência, os palestinos passaram a invadir o Egito tentando fugir da ofensiva israelense, a Anistia Internacional considerou os ataques à Gaza ilegais, os líderes mundiais pediram o fim do conflito em Gaza. Mas a última informação (...) é de que novos bombardeios israelenses matam 7 palestinos e destroem uma universidade. Para entender melhor esta situação que já conta centenas de mortos - algumas agências já falam de mais de 300 mortos no Oriente Médio pelos ataques de Israel à Faixa de Gaza - nós convidamos a professora de direito internacional da Universidade de São Paulo, Professora Deisy Ventura. Bom dia, professora. O mundo, de certa forma estarecido, acompanhou no final de semana esta reação de Israel a um ataque constante de mísseis provenientes da Faixa de Gaza. E eu pergunto, professora, se há nesta relação - um conflito que vem há décadas, talvez há séculos - mocinho e bandido.

Deisy Ventura - Bom dia, André. Mocinho e bandido, de forma alguma. Seria bem mais fácil para todos nós a compreensão deste conflito se tudo fosse assim, preto no branco. Num primeiro momento, responsabiliza-se o Hamas pelo rompimento do cessar-fogo, da trégua que havia sido acordada seis meses atrás. Na verdade, porém, a Faixa de Gaza vive uma crise humanitária sem precedentes, a tal ponto que o porta-voz do programa das Nações Unidas para os refugiados [Sami Mshasha] declarou que Gaza é como uma prisão com um milhão e meio de reféns. Mais de 70% da população hoje passa fome e se encontra abaixo da linha de pobreza. Então os gestos do Hamas precisam ser lidos neste contexto, um contexto gravíssimo de um embargo quase irrestrito de parte de Israel, que atinge a Faixa de Gaza desde que o Hamas chegou ao poder, tornando as condições de vida da população palestina absolutamente inaceitáveis na perspectiva do direito humanitário.

Rosane de Oliveira - Bom dia, professora. Os ataques de Israel à Faixa de Gaza, que a estas alturas já teriam matado mais de 300 pessoas, são realmente desproporcionais, como avaliam o Itamaraty e os principais líderes mundiais, ou existe alguma justificativa aceitável para este banho de sangue?

Deisy Ventura - Bom dia, Rosane. Os ataques são absolutamente desproporcionais. O risco à população israelense na região que é atingida pelos foguetes emitidos a partir de Gaza não justifica de modo algum uma ação deste tipo. O importante é compreender que há eleições no dia 10 de fevereiro em Israel, e as pesquisas de opinião já vinham indicando o crescimento da extrema-direita. Há dois candidatos principais: Benjamin Netanyahu, que já foi Primeiro-Ministro de Israel até 1999, e Tzipi Livni, a Chanceler do atual governo israelense, um governo que teve diversos problemas ligados a corrupção e

escândalos financeiros, e por isto teve uma grande queda em seus índices de popularidade nos últimos meses. Então o que ocorre, com o rompimento da trégua - e talvez este tenha sido realmente um erro de avaliação do Hamas - é que a situação política interna de Israel favorece uma ação deste tipo, na medida em que a esperança do atual governo é agradar o eleitorado que pende atualmente para a extrema-direita. Mas não acredito que o faça com lástima alguma. Acredito que o governo de Israel tem o claro objetivo de a qualquer custo enfraquecer o Hamas, que efetivamente opõe-se às negociações de paz com Israel.

André Machado - Por que esta reação que ocorre com a Faixa de Gaza, que é controlada pelo Hamas, não ocorre em relação à Cisjordânia, onde o Fatah de Mahmud Abbas segue dominando? Por que há esta divisão tão profunda entre os palestinos e de que forma ela tem dificultado que um acordo de paz avance?

Deisy Ventura - Na verdade, esta divisão existe também entre os israelenses. Agora há um momento de silêncio, mas durante muito tempo os pacifistas israelenses agiram. Neste momento de crise, eles se encolhem, mas entre os dois povos existem forças políticas que desejam a paz. A questão é que o Fatah, partido do Presidente da Autoridade Palestina, há pouco tempo recuperou a estabilidade da Cisjordânia, onde os extremistas também possuem muita força. Estes equilíbrios são bastante precários. Num primeiro momento, inclusive, o Presidente Abbas, que agora já condena com veemência os ataques, responsabilizou o Hamas pela ação israelense, para enfraquecê-lo na luta interna. Ora, o Hamas é uma organização que surgiu, em 1982, na própria Faixa de Gaza, território com uma triste história: mais da metade de sua população é de refugiados já de guerras anteriores. Efetivamente, é um povo submetido a um sofrimento inaceitável, e esta condenação aos ataques israelenses que é unânime, salvo em alguns setores dos Estados Unidos, é absolutamente legítima. Independentemente de divergências políticas que existam na Palestina ou em Israel, o fato é que o uso da força só retro-alimenta as tendências extremistas dos dois países.

Rosane de Oliveira - Qual deve ser o papel dos Estados Unidos na solução do novo conflito entre israelenses e palestinos já que na campanha eleitoral ficou evidente uma certa diferença de pensamento entre o Presidente Barak Obama e a Senadora Hilary Clinton, que será a responsável pela condução da política externa?

Deisy Ventura - Uma das piores conseqüências deste ataque é que se coloca o novo governo norte-americano diante do fato consumado. A pequena tendência de melhora, com a ascensão de Obama, que poderia haver nestas negociações agora se relativiza muito. Quando se chega a este extremo fica cada vez mais distante aquele acordo que a comunidade internacional vinha tentando costurar há muitos anos, inclusive durante o próprio governo Bush, na conferência de Annapolis, em novembro de 2007, quando se voltou a falar dos pontos cruciais para que esta situação se deslinde. Os três pontos principais são: 1) a criação do Estado Palestino, 2) a desocupação pelos israelenses dos territórios que foram destinados ao povo palestino pelos acordos internacionais, 3) e a internacionalização de Jerusalém. Estes são os três pontos nos quais a comunidade internacional, inclusive os Estados Unidos, vem trabalhando há muito tempo. Quando se radicaliza deste modo o conflito e quando se pratica um ato que, a meu ver, não pode

escapar da definição de genocídio[1], pois o que Israel está fazendo em Gaza é genocídio, fica muito mais difícil para os Estados Unidos uma mediação. Acredito que, infelizmente, este é justamente um dos objetivos desta ação política de Israel.

André Machado - A senhora faz uma afirmação que certamente vai repercutir, qualificando como genocídio o ataque israelense à Gaza. Isto pode levar o governo de Israel aos tribunais internacionais?

Deisy Ventura - Esta é uma excelente questão, que dificilmente pode ser respondida neste momento, porque existe uma atitude recorrente e impune de Israel de descumprimento dos acordos internacionais, e inclusive de recomendações e decisões do Conselho de Segurança da ONU. Israel sempre se funda em algum ataque terrorista praticado por fundamentalistas islâmicos para o descumprimento de acordos, então do ponto de vista israelense o descumprimento sempre é justificado. O tempo disponível não nos permite falar agora de todas as normas internacionais descumpridas, mas o problema é que cada caso de descumprimento é discutível. Um ato terrorista justificaria o descumprimento de acordos internacionais que compreendem pontos tão importantes quanto a criação de um Estado palestino? A própria debilidade jurídica que existe hoje na região, as condições de enfrentamento da violência, está ligada à fragilidade da autoridade palestina. Daí até dizer que é possível levar Israel a um tribunal internacional - sobretudo ao Tribunal Penal Internacional, recentemente criado - há um debate dificultado pelo imenso melindre que este conflito causa na comunidade internacional, num caso em que ou ninguém é mocinho ou bandido, ou podem haver mocinhos e bandidos dos dois lados. O mais importante agora é a condenação política unânime a estes ataques, e este é um sinal que a comunidade internacional precisa dar a Israel porque, seja qual for o governo eleito, Livni ou Netanyahu, Israel depende muito da comunidade internacional para sobreviver.

André Machado - Professora, lhe agradeço muito por esta entrevista à Rádio Gaúcha nesta manhã.

---

[1] De acordo com a Convenção para a Prevenção e a Repressão do Crime de Genocídio (1948): *Art. II* - Na presente Convenção, entende-se por genocídio qualquer dos seguintes atos, cometidos com a intenção de destruir, no todo ou em parte, um grupo nacional, étnico, racial ou religioso, tal como: (a) assassinato de membros do grupo; (b) dano grave à integridade física ou mental de membros do grupo; (c) submissão intencional do grupo a condições de existência que lhe ocasionem a destruição física total ou parcial; (d) medidas destinadas a impedir os nascimentos no seio do grupo; (e) transferência forçada de menores do grupo para outro grupo. *Art. III* - Serão punidos os seguintes atos: (a) o genocídio; (b) o conluio para cometer o genocídio; (c) a incitação direta e pública a cometer o genocídio; (d) a tentativa de genocídio; (e) a cumplicidade no genocídio.